

Formação em Neurologia nos cursos de Terapia Ocupacional do Rio Grande do Sul

Training in Neurology in Occupational Therapy courses of Rio Grande do Sul

Emilyn Borba da Silva, Elenir Fedosse

Como citar este artigo:

SILVA, EMILYN B.; FEDOSSE, ELENIR
Formação em Neurologia nos cursos de Terapia Ocupacional do Rio Grande do Sul. Revista Saúde (Sta. Maria). 2020; 46 (2).

Autor correspondente:

Nome: Emilyn Borba da Silva
E-mail: mi.bs@hotmail.com
Telefone: (55) 99904 - 0604
Formação Profissional: Formada(o) em Terapia Ocupacional pela (o) Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que fica na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

Filiação Institucional: Universidade Federal de Santa Maria
Endereço para correspondência: Av. Roraima n°: 1000
Bairro: Camobi
Cidade: Santa Maria
Estado: Rio Grande do Sul
CEP: 97105-900

Data de Submissão:
30/03/2020

Data de aceite:
23/07/2020

Conflito de Interesse: Não há conflito de interesse



RESUMO

Os terapeutas ocupacionais atuam na reabilitação de disfunções neurológicas, por isso, na formação superior o Projeto Pedagógico de curso contém disciplinas na área de Neurologia. Com o aumento da incidência de sequelas das disfunções neurológicas em adultos, o terapeuta ocupacional deve estar apto para prestar assistência qualificada a essa população, tendo conhecimento dos aspectos neurológicos fundamentais para neuroreabilitação com vistas ao cuidado integral em saúde. Assim, esta pesquisa objetivou analisar como os estudantes de Terapia Ocupacional, das Instituições de Ensino Superior (IES) do Rio Grande do Sul, avaliam o ensino em Neurologia proporcionado durante a graduação. Este estudo caracteriza-se por ser transversal, analítico-descritivo e quali-quantitativo. A coleta deu-se através de um questionário eletrônico com questões abertas e fechadas. A pesquisa contou com 25 estudantes, sendo em sua maioria de IES públicas. O estudo apontou insatisfação dos estudantes quanto ao ensino em Neurologia ofertado, e dentre as justificativas relatadas estão: o aprendizado superficial, poucas disciplinas e o possível reflexo do despreparo na futura atuação profissional. Os dados deste estudo possibilitaram identificar a visão crítica dos discentes frente ao estudo ofertado em Neurologia e respectiva preocupação de que haverá reflexos na atuação profissional dos futuros terapeutas ocupacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior; Neurologia; Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Occupational therapists work in the rehabilitation of neurological disorders, therefore, in higher education the Pedagogical Course Project contains disciplines in the area of Neurology. With the increased incidence of sequelae of neurological disorders in adults, the occupational therapist must be able to provide qualified assistance to this population, having knowledge of the fundamental neurological aspects for neurorehabilitation with a view to comprehensive health care. Thus, this research aimed to analyze how Occupational Therapy students, from Higher Education Institutions (HEI) in Rio Grande do Sul, evaluate the teaching in Neurology provided during graduation. This study is characterized by being transversal, analytical-descriptive and quali-quantitative. The collection took place through an electronic questionnaire with open and closed questions. The research involved 25 students, most of whom were public HEIs. The study pointed out students' dissatisfaction with the teaching in Neurology offered, and among the justifications reported are: superficial learning, few disciplines and the possible reflection of unpreparedness in future professional performance. The data from this study made it possible to identify the critical view of the students regarding the study offered in Neurology and the respective concern that there will be reflections on the professional performance of future occupational therapists.

KEYWORDS: Higher Education; Neurology; Occupational Therapy.

INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional surge no Brasil com destaque à reabilitação por influência norte-americana; institui-se por meio da criação de um amplo Programa de Reabilitação, em 1953. À época, a reabilitação era considerada o meio de maior potencial para transformar o “inválido de guerra” em mão-de-obra atuante¹. No entanto, existiam outras experiências da área em manicômios psiquiátricos, tomando as atividades diárias (ocupações) como meio terapêutico^{1,2}.

Segundo Batisttel³, tais necessidades impeliram os cursos de formação de profissionais para o mercado. Assim foram criados, na década de 50 do século XX, vários cursos de formação técnica, com duração de um ano, em Terapia Ocupacional¹. Foi a partir de 1959 que se aprimorou a formação de “técnicos de alto padrão” em Terapia Ocupacional com duração de dois anos. Em 1963, foi aprovado o currículo mínimo dos cursos de Terapia Ocupacional em nível universitário, com 2.160 horas e duração de três anos¹.

Sabe-se que a profissão de terapeutas ocupacionais e a formação de professores para o ensino superior têm sido permeadas pelos momentos históricos e pelas características de cada região brasileira³. A lei de reconhecimento da profissão foi promulgada em 1969. Nos anos de 1970, com a lei da regulamentação do exercício profissional, foi criado o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), que se mantém integrado até os dias atuais. Em 1983, foi aprovado, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), o currículo mínimo que ampliou para quatro anos o tempo de formação. Atualmente, os cursos de graduação em Terapia Ocupacional têm 3.200 horas no currículo mínimo⁴.

Em 2002, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional⁵. Na grade curricular dos cursos de Terapia Ocupacional, constam diversas disciplinas voltadas para a formação em Neurologia. Há um aumento da incidência de sequelas das disfunções neurológicas em adultos e, por isso, os terapeutas ocupacionais, que atuam junto a essa população, devem conhecer os aspectos neurológicos fundamentais para neuroreabilitação².

Em material educativo do Ministério da Saúde, elaborado a partir dos dados do Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil- DATASUS - de 2011, a incidência anual de Acidente Vascular Cerebral (AVC) era de 108 casos por 100 mil habitantes⁶. Ademais, à mesma época, o índice de internações por ocorrência de Traumatismo Crânio Encefálico (TCE), era de 547.468 e destes 12.800 foram a óbito⁷.

Dentre as sequelas neurológicas estão: limitações das atividades motoras e funcionais, disfagias, alterações visuais, auditivas, cognitivos e de linguagem^{8,6}; as mais frequentes são os distúrbios de fala e a paralisia do hemitórax⁹. As estimulações sensoriais, as orientações no domicílio, as atividades bilaterais e as estimulações cognitivas e psicossociais são algumas das intervenções realizadas por terapeutas ocupacionais, visando melhorar o desempenho ocupacional e funcional¹⁰.

A partir do conhecimento acerca do índice atual de AVC e TCE, das sequelas posteriores a tais acometimentos, bem como do aumento dos cursos de Terapia Ocupacional, questionou-se como tem ocorrido a formação em Neurologia nesta área. Assim, esta pesquisa objetivou analisar como os estudantes de Terapia Ocupacional, das Instituições de Ensino Superior (IES) do Rio Grande do Sul, avaliam o ensino em Neurologia proporcionado durante a graduação.

MÉTODOS

Esta pesquisa seguiu os padrões éticos exigidos pela Lei 466/2012; foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número do parecer 1.056.995. Este estudo caracteriza-se por ser um estudo transversal, analítico- descritivo e quali-quantitativo^{11,12}, sendo realizado com estudantes dos cursos de Terapia Ocupacional das IES do Rio Grande do Sul.

Os critérios que nortearam a inclusão dos participantes deste estudo foram: estudantes de ambos os sexos, acima de 18 anos, de todas as etnias e credos, matriculados nos cursos de Terapia Ocupacional das IES do Estado do Rio Grande do Sul. Foram excluídos da amostra discentes que não estavam com matrícula regular no curso de Terapia Ocupacional e discentes que cursavam períodos anteriores ao terceiro semestre.

Os dados foram coletados de julho a setembro do ano de 2015. A coleta deu-se através de um questionário eletrônico encaminhado às secretarias dos cursos e, após, direcionado a todos estudantes matriculados nos períodos acima do terceiro semestre. O questionário contava com dados pessoais, questões fechadas e discursivas. As informações solicitadas para caracterização da amostra foram: sexo, idade e semestre atual. O questionamento que guiou este estudo foi: como você avalia as contribuições das disciplinas de Neurologia para, no futuro, trabalhar com sujeitos que apresentam acometimentos neurológicos? A resposta era fechada com as opções “Suficiente” ou “Insuficiente” e podia ser complementada, pelos estudantes, com as justificativas pertinentes.

Os dados quantitativos – relativos aos dados pessoais e à questão de múltipla escolha- estão expostos em: números absolutos, porcentagens, médias e desvio padrão; para o tratamento dos resultados foi utilizado o programa *Microsoft Excel 2010*. Os dados qualitativos, obtidos por meio das justificativas, foram analisados segundo a análise de conteúdo, considerando-se que uma pesquisa qualitativa trabalha diante do mundo dos significados, a partir de falas, símbolos e observações gerados, possibilitando novos conhecimentos e indagações¹². A análise de conteúdo foi constituída por uma categorização que elencou as diferentes justificativas (temas/conteúdos) que apareceram com frequência¹³.

RESULTADOS

Ressalta-se que, até o fechamento dos resultados, quatro Instituições de Ensino Superior (IES), do Rio Grande do Sul, mantinham em funcionamento o curso de Terapia Ocupacional, sendo duas privadas e duas públicas. A pesquisa contou com a participação de 25 estudantes, sendo que predominou a participação dos estudantes das IES públicas - 88% (22). Do total dos participantes, 84% (21) eram do sexo feminino e 16% (4) do sexo masculino. As idades variaram entre 19 e 48 anos, sendo a média de 23,1 anos ($\pm 6,0$). O semestre que mais participou foi o oitavo (24%), variando entre os terceiro e nono semestres, como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1. Período de graduação

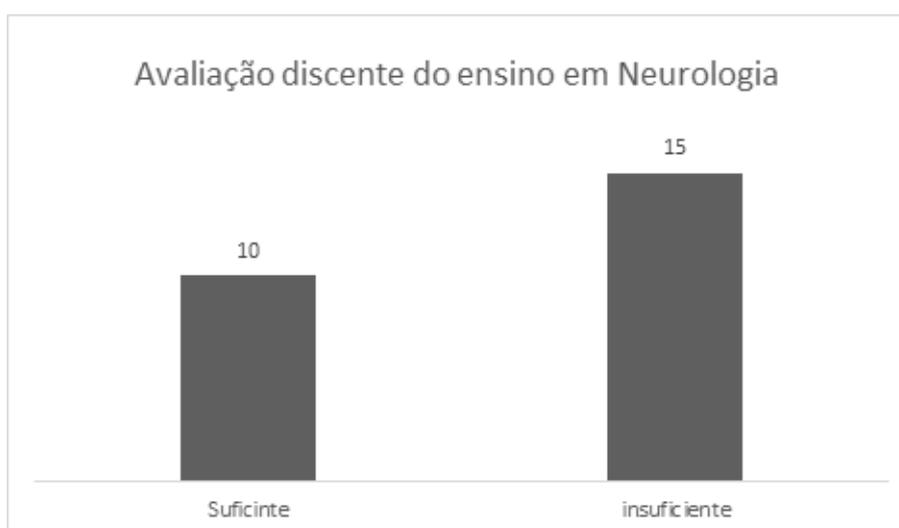
Variável	(n)	(%)
3º semestre	2	8%
4º semestre	4	16%
5º semestre	5	20%
6º semestre	2	8%
7º semestre	4	16%
8º semestre	6	24%
9º semestre	2	8%

Valores expressos em frequência (n) e percentual (%).

Fonte: Autores

Quanto à avaliação discente sobre o ensino ofertado na graduação em Neurologia constatou-se predominância de insatisfação (Figura 1).

Figura 1. Avaliação Discente



Fonte: Autores.

Foram elaboradas três categorias considerando-se as justificativas, a saber: 1-Insuficiente, conteúdos superficiais; 2- insuficiente, dificuldades na futura atuação profissional; 3- suficiente, aspectos básicos e necessários.

1) Insuficiente, conteúdos superficiais:

Esta categoria apresenta os frequentes relatos de que as disciplinas voltadas para Neurologia são insuficientes e os conteúdos passados de uma maneira superficial e, muitas vezes os estudantes referiram apresentar dificuldades no entendimento.

“Os conteúdos são passados de uma maneira muito breve” (P.7).

“As disciplinas no currículo do curso de terapia ocupacional da [...] não me deram um embasamento sólido sobre este conhecimento [...]” (P.8).

“Foi muito pouco abordado pelos professores, poucas disciplinas que envolvem o tema” (P.9).

“Foca de modo muito superficial” (P.13).

“Há uma superficialidade na maneira como a temática é abordada” (P.14).

“Pouco conteúdo”(P.17).

“Na [...] temos apenas uma noção das doenças” (P.10).

2) Insuficiente, dificuldades na futura atuação profissional:

Os relatos incluídos nesta categoria apresentam uma preocupação com o futuro na atuação profissional, ou seja, prevendo dificuldades decorrentes pelo ensino ofertado.

“Pois a demanda, muita das vezes, exige mais conhecimento do que é nos passado” (P.6).

“[...]em um futuro implicará em dificuldades sobre o domínio de certas patologias” (P.7).

“O conteúdo passado em aula não consegue e nunca conseguirá abranger todos os casos com os quais vamos nos deparar, mas minha resposta é insuficiente por falta de aulas práticas e de manejo duas disciplinas específicas apenas” (P.11).

“ Poderia ser mais aprofundada e ter partes práticas para atrelar com a teoria estudada” (P.12).

“A demanda encontrada nos estágios é muito ampla quando ligadas a Neurologia, e durante a graduação tive apenas duas disciplinas que abordavam o tema” (P.15).

3) Suficiente, aspectos básicos e necessários:

As falas descritas nesta categoria apresentam a satisfação dos estudantes quanto ao ensino ofertado em Neurologia. Entretanto, (P.1) e (P.5) relataram a constante necessidade de busca teórica para uma intervenção eficaz.

“Suficiente para embasar os aspectos básicos do funcionamento e possíveis respostas neurológicas mediante um diagnóstico médico e terapêutico ocupacional, no entanto é necessário uma constante busca e aprofundamentos na área para realizar uma intervenção condizente e eficaz” (P.1).

“Devido ao bom rendimento e conhecimento que obtive em minhas aulas na disciplina de Neurologia aplicada a Terapia Ocupacional” (P.3).

“Tudo o que será necessário para tornar-se um profissional suficientemente bom” (P.4).

“É suficiente, pelo fato dela nos apresentar as patologias e os comprometimentos, assim como nossa atuação enquanto profissional pois abrange tudo que podemos encontrar, porém de acordo com o tempo que temos para a disciplina” (P.5).

DISCUSSÃO

A predominância do sexo feminino no curso de Terapia Ocupacional vai ao encontro do estudo de Haddad et al¹⁴ que analisou 14 cursos de graduação da área da saúde e obteve maioria da amostra composta por mulheres. Desde a constituição da Terapia Ocupacional como profissão há predominância do sexo feminino¹⁵. Os estudantes matriculados no oitavo semestre predominaram, neste estudo, concordando com os achados de Cruz¹⁵, no qual houve predomínio na participação de estudantes do quarto ano de graduação.

Justifica-se a predominância da participação, nesta pesquisa, de estudantes de IES públicas, pois nos cursos das universidades públicas há maior apoio às atividades de pesquisa¹⁵. Ao serem analisadas as falas, constata-se preocupação dos estudantes quanto a sua futura atuação profissional. Percebe-se, também, a indicação dos estudantes quanto à necessidade de um ensino mais aprofundado, com uma maior carga horária, melhor preparação dos professores e uma visão integral de Neurologia, a qual vise o cuidado em todos seus aspectos e não apenas na doença. São imprescindíveis mudanças de metodologias no ensino que aproximem a formação da promoção da saúde, ou seja, uma visão ampliada em saúde¹⁶.

Mais da metade da amostra (60%) considerou-se insatisfeita com o ensino ofertado em Neurologia. A satisfação dos estudantes está relacionada a diversos aspectos entre eles a percepção do ensino, fundamentado em ações, discursos, regras, ações de professores e funcionários¹⁷. Já a insatisfação pode estar relacionada ao não atendimento das expectativas, despreparo dos professores e excesso de teoria¹⁸.

Para atuar no papel de docente na Terapia Ocupacional, é preciso ir em busca de conhecimentos técnicos pedagógicos¹⁹. Para Pimenta²⁰, o despreparo do processo ensino-aprendizagem vem ao encontro das prioridades da atualidade na formação docente, visto que, as pós-graduações preparam cada vez mais o docente para o desenvolvimento de pesquisas e menos para a educação superior.

Souza e Reinart²¹ observaram que uma das causas da insatisfação dos estudantes é a falta de atividades/disciplinas práticas, bem como nos relatos de (P.11) e (P12). Para se ter real aprendizagem/conhecimento de uma dada atividade, como um recurso terapêutico, é imprescindível experimentá-la em disciplinas práticas²².

A insatisfação dos estudantes, é um reflexo da aprendizagem e, conseqüentemente, das dificuldades futuras na atuação profissional. No estudo de Neves et al²³, os profissionais de saúde, formados há mais de cinco anos e os pós-graduados, apresentaram diversas dificuldades e dúvidas quanto aos atendimentos de pessoas com AVC. É na graduação que as mudanças curriculares devem ocorrer, havendo valorização da análise dos estudantes quanto ao ensino ofertado²³.

É necessário a realização de escuta aos discentes, para que haja melhor acompanhamento da graduação, visto que é neste período que se dá a base da formação profissional²⁴. Realizar tal acompanhamento é participar do processo de transformação²⁵. Dar voz ao estudante é útil para o planejamento de estratégias e mudanças no currículo visando, assim, melhorar a aprendizagem e o interesse dos estudantes durante sua formação¹⁷, tal como já ocorre em um curso de Terapia Ocupacional de uma IES da região central do país - anualmente são realizados fóruns para discussão curricular do curso e, nestes eventos, encontram-se discentes, docentes e direção para avaliarem, revisarem e atualizarem o currículo e as ementas dos planos de ensino, além de, obterem-se retornos das atividades desenvolvidas em sala de aula e da avaliação sobre a consonância da formação com os serviços da rede pública²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo contou com a participação de quatro cursos de Terapia Ocupacional de IES do Rio Grande do Sul, com a predominância de estudantes do sexo feminino; sendo constatada insatisfação dos estudantes quanto ao ensino ofertado em Neurologia e, dentre as justificativas, encontraram-se: aprendizado superficial, poucas disciplinas, e preocupação com a futura atuação profissional na área neurológica.

Os dados deste estudo possibilitaram identificar a visão discente frente ao estudo ofertado em Neurologia durante a graduação; é indispensável a escuta aos estudantes, visto que o entendimento das dificuldades geradas na graduação, irão refletir na atuação profissional dos futuros terapeutas ocupacionais. Este estudo apresenta como limitação o restrito número de discentes que aderiram à pesquisa e ressalta a importância de futuros estudos que abranjam a formação com ênfase na análise curricular dos cursos de Terapia Ocupacional.

REFERÊNCIAS

1. De Carlo MMRP, Bartalotti CC. Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2001.
2. Cavalcanti A, Galvão C. Terapia ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
3. Battistel ALHT. História oral de professores de terapia ocupacional: três vidas, três histórias, quatro cantos do Brasil. 2016. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
4. Brasil. Resolução nº CNE/CES 4/2009 de 6 de abril de 2009. Dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em saúde. Diário Oficial da União, Brasília, 7 de abril de 2009, Seção 1, p. 27.
5. Brasil. Resolução nº CNE/CES 6 de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Terapia Ocupacional. Brasília: DF, Diário oficial da união, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 12.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013a.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com traumatismo crânioencefálico / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações

8. Nishida AP, Amorim MZM, Noue MME. A. Índice de Barthel e o estado funcional de pacientes pós acidente vascular cerebral em programa de fisioterapia. *Revista Salusvita*, Bauru. 2004; 23(3): 467-77.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
10. Albuquerque SH. Acidente Vascular Encefálico. In: Teixeira E. et al. *Terapia Ocupacional na reabilitação física*. São Paulo: Roca, 2003. p. 333-378.
11. Gil AC. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1991.
12. Minayo MC. O desafio da pesquisa social. In: Minayo MC. (Org); Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
13. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
14. Haddad AE, Morita MC, Pierantoni CR, Brenelli SL, Passarella T, Campos FE. Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. *Revista de Saúde Pública*, 2010; 44(3), 383-393. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010005000015>.
15. Cruz DMC. Investigação Científica na Terapia Ocupacional: visões e perspectivas dos discentes no contexto brasileiro. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*: São Paulo, 2003; 11(1): 21-37.
16. Junior JPB. Fisioterapia e saúde coletiva: desafios e novas responsabilidades profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2010; 15(1):1627-36. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700074>.
17. Camargos MA, Camargos MCS, Machado CJ. Análise das preferências de ensino de alunos de um curso superior de administração de Minas Gerais. *Revista de Gestão da USP*, São Paulo, 2006; 13(2):1-14.

18. Castillo JAB, Lopes HEG. Avaliação do processo educacional num curso de Administração: o ponto de vista dos alunos. In: Anais do Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, Florianópolis: ANGRAD, 1996.
19. Assad FB, Fiorati RC. Reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional para o papel docente: experiência do programa de aperfeiçoamento de ensino – PAE. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, 2013; 24(1):67-72. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i1p67-72>
20. Pimenta SG, Anastasiou LGC. *Docência no ensino superior*. 4a ed. São Paulo: Cortez; 2010.
21. Souza AS, Reinert JN. Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente. *Campinas, Sorocaba*, 2010; 15(1), 159-176. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772010000100009>.
22. Almeida IS, Ruas TCB, Oliveira AS, Akashi LT. Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 2002; 10(2): 129-35.
23. Neves PP, Fontes SV, Fukujima MM, Mata SLA, Pradro GF. Profissionais da saúde, que assistem pacientes com Acidente Vascular Cerebral, necessitam de informação especializada. *Revista Neurociências*, 2004; 12(4): 173-81. <https://doi.org/10.4181/RNC.2004.12.173>.
24. Gaspar LA. *Formação em terapia ocupacional no brasil: desafios e perspectivas*. Monografia (Bacharelado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5390/1/2013_larissadeassisgaspar.pdf.
25. Constantinidis TC, Cunha AC. A formação em terapia. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2013; 24(2): 149-54. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i2p149-154>.
26. Furlan PG, et al. A formação profissional de terapeutas ocupacionais e o curso de graduação da Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 2014; 22(1): 109-19. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.012>